**COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION**

**2ª série – EM**

**HISTÓRIA**

**Reino Unido deve fumo e batatas à pirata**

DO ENVIADO ESPECIAL A SHERBORNE

Há pontos esfumaçados na saga do explorador inglês sir Walter Raleigh (1552/4?-1618), aliás Ralegh, mas é quase certo que ele levou o tabaco e a batata da América para o Reino Unido.

Navegador, aventureiro, pirata, espião, cortesão politiqueiro e colonizador, ele viveu alguns anos em Sherborne, a partir de 1592, ao ganhar ali propriedade que a rainha protestante Elizabeth 1ª confiscou, sem cerimônia, do arcebispo católico de Salisbury.

Não se sabe se Raleigh nasceu em 1552 ou em 1554. E, até o ano de 1575, pouco resta da memória de seus feitos.

Sua biografia oficiosa menciona a passagem pelo curso de direito no Oriel College, em Oxford, em 1568 ou em 1572.

São a ele creditados a autoria de pretensiosos livros de história e de poesia e há registros de que ele tenha lutado voluntariamente ao lado dos franceses huguenotes na batalha de Jarnac, em 1569.

De família aristocrática, protestante e anticatólica até a medula, Raleigh, é certo, fez as vezes de pirata e de espião, atrapalhando planos da Armada espanhola, servindo ao rei da Holanda e participando do massacre de 700 soldados italianos.  
De 1584 a 1585, coube a ele colonizar para a Inglaterra elisabetana a região onde, nos EUA, hoje ficam os Estados da Virgínia e da Carolina do Norte, então o primeiro núcleo inglês na América. Foi de lá que teria trazido para o Reino Unido o tabaco e as batatas.

Como prêmio, Raleigh foi sagrado cavaleiro (ou sir) por Elizabeth 1ª, em 1585, e foi agraciado com posses e terras na Irlanda, onde viveu até 1589.  
A rainha tinha predileção pelo seu jeito galante. E, dizem até que, certo dia, Raleigh teria colocado a sua capa sobre uma poça para a rainha passar -seu brasão alude ao episódio.

Elizabeth 1ª, entretanto, deu a ele mais cargos honoríficos e chances de amealhar fortuna do que poder político de fato.

Dizem que ela o achava excessivamente "flamboyant", e isso não era útil numa era marcada pela austeridade da coroa, num tempo em que o reino estava empenhado em forjar um império de escala mundial.

**O início do fim**

Ia tudo muito bem até que, aos olhos da rainha, Raleigh cometeu o "pecado" de engravidar uma de suas aias, Elizabeth "Bess" Throckmorton, 11 anos mais nova do que ele.

Nessa época, em 1592, o explorador vivia entre Sherborne e a Durham House, um dos endereços mais cobiçados de Londres, o Strand.

Elizabeth 1ª, furiosa, expulsou Bess da corte. O filho de Raleigh com ela possivelmente morreu ou foi adotado. A essa altura, ele detinha direitos de exportação de casacos de lã ingleses e de exploração de minérios. Assim, concluiu, em 1594, o Sherborne Castle, à época chamado de Sherborne Lodge.

Eleito para o parlamento britânico, se pronunciou em assuntos navais e militares, bem como em polêmicas religiosas, mas sua fortuna declinou.

Tentando dar a volta por cima, se pôs a planejar uma nova viagem, à América do Sul. Tencionava buscar riquezas para si e para o reino e, sem escrúpulos com os espanhóis, que sob o reinado católico de Felipe 2º era inimigo de Elizabeth 1ª, capturou e torturou

Pedro Sarmineto de Gabe, autor de "A História dos Incas" (1572).

Tomou assim ciência de supostos segredos sobre o ouro do El Dorado, na Guiana, para onde seguiu. Depois, publicou "A Descoberta da Guiana", em cujas páginas exagerou à larga o que havia descoberto.

Em seu relato, além de riquezas, Raleigh mencionou animais das terras amazônicas, em cujos rios navegou, visitando, no Brasil, as costas do Amapá.  
Com faro para a aventura e sequioso de redenção perante o reino, participou da conquista de Cádiz, em 1596, e combateu nos Açores, no ano seguinte. De 1600 a 1603, governou a Channel Island, em Jersey -sinal de que estava quase "reabilitado".

Mas Elizabeth 1ª morreu em 1603 e, nos anos seguintes, seu sucessor, James 1º, primeiro rei da Inglaterra e da Escócia, viveu o pânico de ser deposto.  
Raleigh havia voltado para a Inglaterra e, ao que tudo indica, foi acusado injustamente de um complô pelo rei e novamente aprisonado na Torre de Londres entre 1603 e 1616.  
Julgado por traição, foi condenado à morte numa primeira vez. A versão oficial da época era a de que ele não estava preso e, sim, morto.

Outro de seus filhos com Bess nasceu nesse período prisional. Empenhado em obter o perdão do novo rei, escreveu -possivelmente ajudado por outro autor-, o livro "A História do Mundo", em 1616, ano em que foi libertado para empreender uma segunda expedição à Venezuela.

Na sua volta, o embaixador espanhol Diego Sarmiento de Acuña exigiu que o rei condenasse Raleigh novamente à morte. Para os muitos que o tinham como um herói, foi uma pena desnecessária e injusta.

Mas Raleigh realmente foi decapitado, em 1618, não sem antes bater-boca com o carrasco. "Não quero que meus inimigos achem que tremo de medo", disse antes do golpe que separou sua cabeça do pescoço.

Um segundo antes do golpe, zombou do algoz e de seu machado: "Esse é um afiado remédio e também um médico para todas as doenças e misérias".

O cadáver de Raleigh foi enterrado na igreja de Beddington, Surrey, onde Bess nasceu. A cabeça embalsamada foi dada a ela, que a carregou numa bolsa até decidir que o cheiro era forte demais. Depois, a cabeça e o corpo do aventureiro foram enterrados juntos no túmulo de St. Margaret. Bess morreu 29 anos depois. E há quem diga que o fantasma de sir Walter Raleigh ainda assombra as ruínas do velho castelo de Sherborne.

**(SILVIO CIOFFI)**